



O FORMADOR E A FORMAÇÃO PASTORAL-MISSIONÁRIA DOS SEMINARISTAS NA ETAPA DA CONFIGURAÇÃO: ARTE E DESAFIO

IL FORMATORE E LA FORMAZIONE PASTORALE-MISSIONARIA DEI SEMINARISTI NELLA FASE DELLA CONFIGURAZIONE: ARTE E SFIDA

Elcio Alcione Cordeiro*

Helio Rafael Frazão Pereira**

Silvonei Luiz Roling***

Resumo: O formador possui um papel determinante no processo formativo inicial ao Sacerdócio. Toda a formação inicial tem como fim a pastoral. Esta breve reflexão tem como tema tratar da missão do formador, com ênfase no acompanhamento pastoral na etapa da Configuração, que também abrange os estudos teológicos. O objetivo é problematizar o acompanhamento pastoral do formador e formando nesta etapa. Metodologicamente usamos da pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental. Por fim, é deveras importante, em pleno século XXI refletir insistentemente na dimensão pastoral da formação inicial, ela corresponde ao trabalho profícuo do futuro Sacerdote. Por isso, é relevante abordar na gradualidade todos os aspectos desta dimensão formativa para que tenhamos padres misericordiosos, próximos e humildes.

Palavras-chave: formação inicial; formador; pastoral; espiritualidade; sacerdócio.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo – UPF. Bolsista do Programa de Suporte a Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior – PROSUC II/CAPES, sob a orientação do Prof. Dr. Claudio A. Dalbosco. É Professor no Instituto de Teologia e Pastoral – Itepa Faculdades.

** Bacharel em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral – Itepa Faculdades.

*** Bacharel em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral – Itepa Faculdades.

Abstract: Questa breve riflessione si concentra sulla missione del formatore, con particolare attenzione all'accompagnamento pastorale durante la fase della Configurazione, che include anche gli studi teologici. L'obiettivo è problematizzare l'accompagnamento pastorale del formatore e del seminarista in questa fase. Metodologicamente, abbiamo utilizzato ricerche qualitative, bibliografiche e documentarie. È estremamente importante, nel XXI secolo, riflettere con insistenza sulla dimensione pastorale della formazione iniziale, in quanto corrisponde al lavoro fecondo del futuro sacerdote. Pertanto, è rilevante affrontare gradualmente tutti gli aspetti di questa dimensione formativa, affinché possiamo avere sacerdoti misericordiosi, accessibili e umili.

Parole chiave: formazione iniziale; formatore; pastorale; spiritualità; sacerdozio.

Introdução

Este texto deseja problematizar o acompanhamento pastoral-missionário do candidato às Ordens Sacras, na Etapa da Configuração. Haja vista as mudanças, quase inevitáveis, percebemos uma nova compreensão antropológica, o que faz questionar o processo formativo, de maneira que se pode perguntar sobre quem é a pessoa do jovem que busca as casas de formação, bem como quem é a pessoa do formador e como assumir essa missão de acompanhamento dos futuros presbíteros. No Documento Final do Sínodo sobre a Sinodalidade 2021-2024, além de um pedido sobre a revisão da *Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis* de 2016, menciona-se a necessidade de um investimento corajoso de energia na preparação dos formadores.

É nesse sentido que esse ensaio visa lançar luzes para a formação dos formadores no acompanhamento pastoral-missionário, principalmente na Etapa

da Configuração¹, uma vez que essa etapa antecede a Síntese Vocacional ou Pastoral, do candidato ao diaconado e ao presbiterado, muito embora nem todas as Igrejas Particulares realizem esta etapa como antecessora à ordenação diaconal e presbiteral. Desse modo, identificamos necessário preparar o formador para acompanhar os novos candidatos ao ministério diaconal e presbiteral, pois como sugere o título deste texto, acompanhar é arte, mas também desafio.

Assim, propomos, através desta reflexão traçar um diagnóstico de época, apresentando os desafios próprios deste tempo histórico aos formandos e formadores, para posteriormente tratar da missão de formar como um desafio de vida. Ao mesmo modo, intentamos delinear relações entre o Curso de Teologia e a Dimensão Pastoral-Missionária, como uma relação entre a Teoria e a Prática, buscando compreender como o *lócus theologicus* orienta a academia e vice-versa.

Por fim, desejamos apresentar um caminho baseado na formação da Espiritualidade Pastoral-Missionária, alicerçada no magistério do Papa Francisco, a partir da relação, do caminho e da proximidade. Sem uma espiritualidade própria, podemos cair em um ativismo ou um mero funcionalismo, que não permite pensar a evangelização que conduza ao seguimento de Jesus Cristo. Para tanto, o formador precisa estar preparado para esta arte de acompanhar, e, atento aos desafios propostos neste tempo histórico.

¹ Entendemos por “Etapa da Configuração” o período que corresponde aos estudos teológicos.

1 Diagnóstico de época

A sociedade atual necessita de um processo de evangelização adequado, uma vez que ela “[...] gera comportamentos humanos inéditos e suscita problemas éticos inteiramente novos [...]” (Osib, 2004, p. 24). Isto implica desafios na formação dos presbíteros, pois é necessário formá-los com a capacidade de escutar e discernir os “sinais dos tempos”, e de adquirir uma experiência mística cristã, para que subsista como cristão e pastor do povo de Deus.

Formar o novo Presbítero neste tempo se revela ainda mais desafiador quando se compreende a sociedade atual em uma “mudança de época” (DAP, nº. 44), na qual se dissolve a concepção integral de ser humano, sua relação com o mundo e com Deus. Em *Aparecida*, os bispos concluíram que os sinais dos tempos apontavam para uma realidade que afeta e desafia a vida e o ministério dos presbíteros, inclusive a sua identidade teológica, a inserção na cultura atual, entre outras situações que incidem sobre a existência deles (Cf. Celam, 2008, nº. 192), como na missão e no envolvimento pastoral.

Esta “mudança de época” relatada pelo *Documento de Aparecida*, tem uma explicação contundente nas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2008-2011*: “[...] a história se acelerou e as próprias mudanças se tornam vertiginosas, visto que se comunicam com grande velocidade a todos os cantos do planeta, configurando uma mudança de época, mais que uma época de mudanças” (Dgae 2008-2010, nº. 13).

Nesse sentido, segundo Joel Portela Amado,

Enquanto, nas épocas de mudança, transformam as realidades circundantes, mas os critérios de julgar permanecem inalterados, nas

mudanças de época também os critérios de julgar são atingidos. É por isso que crescem questionamentos do tipo: O que é certo? Será mesmo que estou errado(a), ao agir deste modo? O que é pecado hoje em dia? A perplexidade e a oscilação em relação aos critérios são marcas próprias das mudanças de época. [...]. O próprio fato de alguns se perguntarem: como ser padre hoje? Qual o caminho? Qual minha identidade? (2010, p. 566).

Alguns dos desafios encontrados em uma mudança de época, de acordo com as *Diretrizes de 2010*, podem ser definidos como: as mudanças na maneira de lidar com o tempo, principalmente os imediatismos; as mudanças referentes à comunicação, tal como a sociedade do espetáculo, na busca por aplausos e visibilidades; as mudanças na economia em um modelo capitalista-consumista que preza pelo lucro e pelo individualismo; as mudanças referentes à autoridade e ao poder; a vivência do celibato e da vida espiritual devido ao modo de se relacionar sem compromisso, o que implica na vivência da espiritualidade comodista e emotivista; ao mesmo modo, há um desafio que concerne à identidade teológica do ministério presbiteral.

Além dos desafios mencionados pelas *Diretrizes de 2010*, as novas *Diretrizes de 2019* inserem o secularismo, que conduz à perda do sentido do sobrenatural da missão presbiteral; o poder com suas características de autossuficiência, de autorreferencialidade, de ideologismos de competição; a relação com o próximo caracterizada pelo egoísmo da vida, o qual exclui os outros, especialmente os mais pobres, favorecendo a globalização da indiferença; bem como, o mundanismo, o relaxamento na disciplina e os abusos litúrgicos, as práticas fundamentalistas, imersas numa rigidez que busca segurança no passado, o relativismo ético, a indiferença religiosa.

Afirmam os Bispos do Brasil: “Vive-se uma mudança de época que afeta paradigmas estabelecidos e valores culturais e morais. Essa mudança de época clama por pessoas integradas, capazes de ler e interpretar os ‘sinais dos tempos’, no horizonte da fé” (DfpiB, 110, nº. 9). Por isso, é importante refletir sobre a dimensão pastoral na formação inicial, pois é nessa realidade descrita que os formandos se inserirão como pastores. Como também, se faz necessário compreender quem é a pessoa que assume a missão da formação no contexto em que a mesma se dá como processo vital e continuado. Já chegou a hora de nos perguntar: Quem forma o formador? Pergunta indispensável para os tempos contemporâneos.

2 A missão de formar: o acompanhamento como desafio

Os documentos da Igreja, como é o caso da Exortação Apostólica Pós Sinodal, *Vita Consecrata* (1998), ao falar do tema *formação presbiteral* colocam em evidência a importância de conduzir processos que favoreçam a adesão e configuração a Jesus Cristo e ao seu projeto de vida, assumindo os seus mesmos sentimentos. Entendemos, então, que propor, hoje, caminhos formativos é ter presente uma formação que se estenda a todo ser do jovem vocacionado ao seguimento de Jesus na vocação específica ao Sacerdócio. Referimo-nos a formação da pessoa toda, tendo em mente a totalidade de sua individualidade, para promover uma preparação humana, intelectual, espiritual e pastoral, e criar condições para uma favorável integração harmônica dos diferentes aspectos que envolvem o processo formativo do jovem em formação, processo esse que conduz ao amadurecimento pessoal dentro da vida comunitária.

O processo formativo pleno de quem busca a vida sacerdotal ou a vida religiosa se concretiza em percursos, tempos e modalidades específicas que possuem as características da contínua opção de seguir a Jesus Cristo nos âmbitos nos quais cada um vive: no cotidiano elaborando continuamente os significados do que se vive; na comunidade no cuidado e cultivo de relações fraternas; na missão com responsabilidade sobre aquilo que é confiado.

Nesse caminho, o jovem em formação precisa contar com alguém que o ajude no processo formativo. Segundo a *Ratio*,

O principal agente da formação sacerdotal é a Santíssima Trindade, que plasma cada seminarista segundo o desígnio do Pai, seja através da presença de Cristo na sua Palavra, nos sacramentos e nos irmãos da comunidade, seja através da multiforme ação do Espírito Santo. Na formação daqueles que Cristo chama e no discernimento vocacional, o primado da ação do Espírito Santo exige recíproca escuta e cooperação entre os membros da comunidade eclesial, sacerdotes, diáconos, consagrados e leigos (2017, n. 125).

É indispensável ter presente que o agente primeiro da formação, é Deus que chama e age como formador, como lembram as Sagradas Escrituras: “Deus formou o ser humano do pó da terra” (Gn 2,7); “Como argila na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel” (Jr 18,6); “Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai; e nós o barro na mão do oleiro; e todos nós a obra de tuas mãos” (Is 64,7). Também os Evangelhos nos apresentam o formador por excelência, Jesus Cristo que formou na sua escola os discípulos e mais propriamente o grupo dos doze, chamados, mais tarde de Apóstolos. Estas e outras passagens são sugestivas e revelam como cada ser humano é continuamente criado e formado por Deus.

Segundo o Padre Jaldemir Vítório (2008), o primeiro mediador é o formador, que atua como “ajudante de Deus” sentindo-se responsável pelo formando na condição de colaborador com Deus. Nesse sentido, afirmamos que o formador é um guia responsável, uma vez que exerce a pedagogia da presença, tendo em mente o formador por excelência: Jesus Cristo.

A formação inicial ao Sacerdócio é como uma orquestra, necessita do maestro que é capaz e está preparado para reger o seu coro. Isto é, harmonizar cada manifestação, deixando afinado todos o instrumental para a grande apresentação, a missão sacerdotal. Se o maestro não rege com segurança, amor e determinação, a harmonia será frágil e a apresentação medíocre.

A pessoa designada a acompanhar os processos formativos, o formador, nomeado pelo bispo ou autoridade competente, é aquele que conduz e acompanha o processo formativo; que está atento ao crescimento da vida comunitária, criando condições para que as relações sejam saudáveis e formativas nas dimensões da formação a nível espiritual, intelectual, humana e pastoral-missionária.

O formador tem a missão de indicar o caminho, aconselhar e amparar nas dificuldades sem paternalismos, sem dominações e sem desresponsabilização do formando no processo de crescimento que se dá por meio da integração humana, por isso, é importante que o formador tenha já algum período de atuação pastoral. O Formador precisa corrigir com amor e sabedoria para que o formando experimente, através da sua figura de mediador-guia, o verdadeiro amor compassivo e misericordioso de Deus; cria condições para que o formando dê o melhor de si, acolha suas capacidades e dons desenvolvendo-os a serviço do

Reino de Deus e integre as fragilidades em contínuo processo de conversão a Deus e aos irmãos.

O formador compreende e incentiva não só nos momentos de queda e dificuldades, mas se faz companheiro de caminhada, sabe estar junto ao formando no caminho discipular, consciente que enquanto formador também está em contínuo processo de configuração a pessoa de Jesus Cristo e adesão ao seu Projeto. Com a vivência da sua consagração se torna testemunho e sinal profético dos valores eternos que não passam e com o exemplo da própria vida favorece coerência ao que ensina e proclama.

No que diz respeito ao estágio pastoral, momentos em que os seminaristas desenvolvem atividades pastorais além do seminário, conforme as *Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil* (2019), o formador exerce a missão de guiar e acompanhar o formando naquilo que é o eixo iluminador e determinante do processo formativo. Ao guiar, o formador precisa ouvir, e esta é uma qualidade essencial. O formador que educa os ouvidos para ouvir as experiências pastorais de seus formandos com paciência e amor, saberá direcionar os melhores caminhos para quem está iniciando e trilhando a caminhada rumo ao Sacerdócio.

É importante que o formador e o formando tenham a pastoral como uma extensão ativa e atuante do processo formativo, assim como destaca o Papa Francisco: “O Seminário não deve afastar-vos da realidade, dos perigos e muito menos dos outros, mas, pelo contrário, aproximar-vos de Deus e dos seus irmãos” (2021, s/p). Nesse sentido, o formador, como responsável pela formação integral dos formandos organiza o dia a dia da vida comunitária da casa de formação com o estágio pastoral realizado pelos mesmos, intensificando nos finais de semana

em locais de periferias geográficas e existenciais, favorecendo um processo de integração e reelaboração entre a teoria e a prática pastoral. A pastoral é o *lócus* onde se encontra a fé e a prática, a sabedoria acadêmica e a sabedoria prática.

O teólogo Clodovis Boff (2015), reflete o princípio do conhecimento teológico na Palavra divina criadora e salvadora, que orienta a prática humana à compreensão dos sinais dos tempos segundo a Palavra de Deus, em específico os Evangelhos. Pôr-se na escola de Jesus é pôr-se no caminho da vida. Por isso, haja vista que só se conhece as coisas quando se aproximamos, com a dimensão pastoral-missionária ocorre o mesmo, só se conhece bem quando se pratica.

Os formadores são um porto seguro que acompanham todas as atividades no processo formativo, estão integralmente presentes na formação: “O formador é um acompanhante fiel, um guia amigável a qualquer momento da formação, tem a missão de acompanhar, observar e ajudar, auxiliando no caminho, é um ser que se pode partilhar a vida” (Cordeiro, 2020, p. 159). Desse modo, a presença dos formadores no ambiente pastoral dos formandos é de suma importância, para que o mesmo possa auxiliar na prática pastoral planejando e avaliando o próprio fazer pastoral do formando, como também, poderá acompanhar o progressivo crescimento humano e espiritual e como o estudo e a reflexão a partir da Teologia vai assumindo a dimensão de uma pastoral a serviço daqueles (as) a quem a Igreja envia. A formação deve estar em vista do serviço, e a pastoral é o momento em que se atesta o caminho formativo e a adesão do candidato à proposta formativa.

É no espaço das relações com o povo de Deus que os candidatos à vida presbiteral vão desenvolvendo habilidades e dons, fazendo experiência da vocação como dom recebido a ser colocado a serviço das pessoas e do Reino de

Deus. No espaço da pastoral podem aparecer também inconsistências e dificuldades, as quais o formador é chamado a trabalhar durante as diferentes dimensões da formação.

Quando o formador é presente e atuante na vida do formando, ele tem a responsabilidade de trazer para o encontro pessoal formativo aquilo que chamamos de “matéria formativa”, isto é, a avaliação da prática pastoral, os acertos e os erros, as iniciativas e os comodismos, enfim, os acontecimentos pastorais que deixaram uma marca no formando. O formador com sua preparação acadêmica e experiência de vida, saberá direcionar o melhor caminho, a decisão acertada, o horizonte a seguir. Com a matéria formativa “na mesa”, através do diálogo profundo, formador e formando serão capazes de refletir a prática pastoral, aprendendo juntos, crescendo unidos e contribuindo para o bem do Povo de Deus e da Igreja.

3 O formador na relação do Curso de Teologia e a dimensão pastoral-missionária

Os documentos bases da Formação Presbiteral, a saber, *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, a nível universal, e as *Ratio Nationalis*, que no Brasil se chama *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*, trazem como princípios para a formação as quatro dimensões do ser humano, revelando uma dinâmica antropológica e integral. Estas dimensões consistem no âmbito humano-afetivo, espiritual, intelectual e pastoral-missionária.

A importância destas se desvela quando há uma relação da integralidade das dimensões, enquanto a humana é a base, a espiritual pode ser entendida como sustento, a intelectual como um instrumento e a pastoral-missionária como

o fim da formação ou a finalidade da formação. Por outro lado, ainda que não seja uma dimensão, a vida comunitária interliga todas as outras, sendo considerada o elo integrador entre todas as dimensões.

Como a Etapa da Configuração é uma das últimas etapas da formação inicial, se requer um certo amadurecimento integral do candidato às Ordens, pois normalmente o período de vivência no seminário e na pastoral já possui alguns anos. Sendo assim, somadas às experiências pastorais vêm as experiências humanas, espirituais, intelectuais, que aos poucos serão sintetizadas e colocadas em prática pelo formando, com auxílio do seu formador.

Esta etapa, coincide com os estudos teológicos, o qual se dá após o período propedêutico, que marca a entrada na formação inicial, bem como do período discipular, marcado pelos estudos filosóficos. Desta maneira, apresentamos aqui, a relação entre o curso de teologia e a dinâmica pastoral-missionária, e como o formador acompanha esse âmbito.

Inicialmente, a formação pastoral-missionária possui seu caráter Trinitário, pois à medida em que o Pai, por amor, envia o Filho para salvar as pessoas, percebemos que o Filho é guiado pelo Espírito Santo quando chama, escolhe, prepara e envia os discípulos para serem pastores do rebanho (Cf. Mt 28,19-20). Nesse sentido, o Filho também vincula os discípulos a sua missão própria que deve ser vivida com comunhão para ter continuidade (Cf. Dfpiib, 110, nº. 226).

A missão também traz uma essencialidade eclesial, pois a Igreja é por sua natureza missionária (Cf. AG, nº. 2). Quando ela acolhe o dom da vocação, ajuda a discernir o chamado, forma o discípulo missionário e os envia à missão de evangelizar. Desta visão, não podemos entender que a missão é uma dimensão

entre outras, mas deve marcar profundamente a essência da Igreja, de forma específica nas Igrejas particulares (Cf. Dfpiib 110, nº. 227).

Segundo o *Decreto Optatam Totius*, todos os aspectos da formação devem convergir para a pastoral e para a missionariedade, sendo essa o eixo da formação. Ela é o princípio unificador do processo formativo. Por isso, precisa-se de uma constante qualificação para o exercício da pastoral, devendo sempre contar com a ação e a condução do Espírito de Deus. Nesse sentido, se desdobram os estudos pastorais, acompanhados com programas de práticas e experiências pastorais-missionárias, os quais têm um caráter formativo essencial para o formador e para a instituição de ensino de teologia. Assim, integram-se aspectos teóricos e vivenciais da formação pastoral-missionária, evitando um aprendizado apenas teórico ou operativo, que tem por fim uma aplicação (Cf. Dfpiib, 110, nº. 228).

É interessante que o seminarista não deve ser preparado somente para ser um pastor do rebanho, antes é preciso ser um evangelizador, um missionário com coração de pastor, assim pode viver o que é sonhado e pedido pelo Papa Francisco, a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, isto é, uma Igreja em saída, missionária, na qual, vai adiante dos espaços eclesiais, no encontro das pessoas onde elas estão. Segundo o Papa,

Naquele “ide” de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG, nº. 20).

As *Diretrizes de 2019* acreditam ser importante que a dimensão pastoral-missionária contemple e defina tempos de experiências próximas e diretas com o sofrimento do povo. Nisso há uma gama de possibilidades, como é o caso do mundo dos jovens, da cidade, da educação, da saúde, da justiça, do trabalho, do comércio, da polícia, das prisões, da política, das comunicações, da universidade, do turismo, dos católicos afastados, entre outros. Estes são os grandes areópagos nos quais se desdobrará a missão e o Ministério do futuro Presbítero (Cf. DfpiB, 110, nº. 229). Contudo, é necessário haver discernimento por parte da formação e do seminarista, a fim de que o formando viva mais intensamente a caridade pastoral e não aja de acordo com outros critérios, pouco ou nada condizentes com a identidade própria de sua vocação e do Ministério Presbiteral (Cf. DfpiB, 110, nº. 230). Vale fazer menção que o Evangelho e a Doutrina da Igreja, em específico o *Catecismo*, o *Código de Direito Canônico*, e o Ensino Social da Igreja auxiliam a discernir as ações nesses espaços.

A formação pastoral-missionária se interliga com os estudos acadêmicos, pois acreditamos que os estudos teológicos devem ter um direcionamento pastoral missionário, uma vez que, são destinados à formação de pastores do povo de Deus. Entretanto, não se pode empobrecer os estudos acadêmicos ou privar os formandos “[...] dos instrumentais teóricos necessários indispensáveis para interpretar o dado revelado e para munir a prática pastoral das chaves de compreensão da realidade que iluminadas pela fé garantem a qualidade e a efetivação da ação evangelizadora da Igreja” (DfpiB, 110, nº. 231a). O estudo disciplinado, sistemático e metódico da teologia, corresponde a uma seriedade e acompanhamento verdadeiro, pois é aí que se forma a maneira de ler o mundo através dos olhos da teologia.

Nesse sentido, aparece uma relação específica entre o intelecto, a espiritualidade e a pastoral, uma vez que a teologia pastoral deve ter uma profunda e sólida espiritualidade, para oferecer ao seminarista a possibilidade de superar hermenêuticas insuficientes, bem como oferecer instrumentos essenciais para se conhecer a vida e a fé do povo. Por isso, a teologia, também deve possuir uma índole pastoral missionária, a fim de que se possa: “[...] proclamar a verdade sobre Deus, sobre o homem e sobre a igreja, mediante pensamentos e linguagens que sejam, ao mesmo tempo, acessíveis a todos e capazes de dialogar com as correntes de pensamento, filosofias, e a cultura de hoje” (Dfpib, 110, nº. 231c).

Estas propostas devem conduzir o seminarista à comunhão, ao diálogo e à cooperação, inclusive com outras Igrejas e comunidades eclesiais, que vão além do local de sua experiência pastoral. Assim, esta formação pastoral-missionária possibilita ao seminarista conhecer as organizações populares e de lutas sociais, fazendo e renovando: “A opção preferencial pelos pobres [...], nos estudos e nas práticas pastorais, desenvolvendo assim a sensibilidade de pastor face ao sofrimento do povo” (Dfpib, 110, nº. 231f). Dessa maneira, os formadores devem incentivar os seminaristas a participar de pastorais sociais, eventos e mobilizações por causas justas a favor dos pobres, o que ajudará o futuro Presbítero a tomar consciência da importância de ir ao encontro das periferias (Cf. Dfpib, 110, nº. 231g).

As *Diretrizes de 2019* refletem que deve ser oferecida ao seminarista a possibilidade de realizar e desenvolver a sua experiência pastoral, de forma gradual, inserindo-se e engajando-se em uma comunidade de fé. Afirma-se que ao estar e engajar-se na experiência pastoral, o seminarista precisa partir do

conhecimento da sua história, respeitando o que já foi realizado na comunidade, movimento ou pastoral.

O seminarista precisa ser estimulado a ter uma experiência pastoral diversificada em vários grupos e expressões, com as pastorais organizadas ou propostas pela Igreja, possibilitando o conhecimento de diferentes movimentos, principalmente no contato com pessoas em locais periféricos. Nesse sentido, deve exercitar-se no diálogo e na inculturação, assumindo gradualmente os serviços de sua condição ministerial, que receberá ao longo do processo formativo, como leitor e acólito, inclusive no diaconado (Cf. DfpiB, 110, nº. 233).

Indica-se que a escolha dos locais de experiência e engajamento pastoral devem seguir alguns critérios, tais como: os talentos e inclinações de cada formando; as aptidões e condições dos presbíteros que os acompanham; as opções pastorais da Igreja local devem levar em conta o plano diocesano de pastoral, pois é daí que surgem os planejamentos pastorais; e as situações de maior necessidade e carência (Cf. DfpiB, 110, nº. 234).

Há de se notar que as experiências pastorais não devem ocorrer de forma esporádica, mas sistemática. Todavia, não devem ser vistas como rotineiras ou burocráticas. Estas experiências devem ajudar o seminarista a conviver com os leigos, a conhecer melhor suas aspirações religiosas e as suas atividades de discípulo-missionário, além disso, ajudá-lo a desenvolver a capacidade de comunicação e de relacionamento. Para tanto, é importante haver um contato pessoal, uma convivência familiar e iniciativas missionárias que priorizem os mais pobres e marginalizados (Cf. DfpiB, 110, nº. 235). É relevante que o seminarista faça experiências missionárias em “terras de missão”, que podem ocorrer em realidades desafiadoras e carentes, como é o caso das periferias urbanas, mas

também na Amazônia, no semiárido nordestino, no Cerrado, em alguns países da África, da América Latina e do Caribe (Cf. Dfpib, 110, nº. 237).

A perspectiva de ir às terras de missão é respaldada pela missão *ad gentes*, que significa ir até os confins do mundo (Cf. At 1,8). De acordo com Papa Francisco, esta indicação deve interpelar os discípulos de Jesus a ir além dos lugares habituais para levar o testemunho de Jesus, pois não existe realidade humana alheia aos cuidados dos discípulos de Cristo em missão. A Igreja, deve sempre estar em saída, “[...] rumo aos novos horizontes geográficos, sociais, existenciais, rumo aos lugares e situações humanas de ‘confim’, para dar testemunho de Cristo e do seu amor a todos os homens e mulheres de cada povo, cultura, estado social” (Francisco, 2022, s/p).

Diante disto, na missão dos formadores, o trabalho pastoral jamais pode ter improvisações, imediatismos, ativismos e empirismos, mas devem ser planejados, acompanhados e avaliados. Primeiramente, os formadores têm a missão de ser testemunha da alegria do Evangelho presente na vida do seminarista discípulo-missionário, junto a isso também escolhe as comunidades e situações de pastorais, priorizando lugares pobres, com pastorais diversificadas, garantindo o acompanhamento, reflexão e avaliação da prática pastoral do formando, junto ao orientador de atividade de pastoral que pode estar ligado tanto à coordenação diocesana de ação evangelizadora, quanto ao centro de estudos.

Ao mesmo modo é importante que haja uma sintonia entre a instituição responsável pela formação acadêmica, as casas de formação e os responsáveis pelo acompanhamento pastoral dos locais onde o seminarista está engajado, seja o pároco ou outro responsável. Estes podem ajudar o seminarista a compreender,

discernir, reconhecer e acolher as opções da Igreja e os sinais de Deus na vida do povo. No entanto, a casa-seminário onde moram os seminaristas e o formador é onde o maior acompanhamento se dá, de forma presencial e ininterrupta:

A opção do candidato pela vida e ministério sacerdotal deve amadurecer e apoiar-se em motivações verdadeiras e autênticas, livres e pessoais. A isso se orienta a disciplina nas casas de formação. As experiências pastorais, discernidas e acompanhadas no processo formativo, são sumamente importantes para confirmar a autenticidade das motivações no candidato e ajudá-lo a assumir o ministério como verdadeiro e generoso serviço, no qual o ser e o agir, pessoa consagrada e ministério, são realidades inseparáveis (DAP, n. 322).

A dimensão pastoral-missionária possui uma carga importante na formação presbiteral, inclusive para a admissão do seminarista ao diaconado e posteriormente ao presbiterado. Segundo as *Diretrizes de 2019*, além dos responsáveis pela formação, também devem ser ouvidas as pessoas e as comunidades eclesiais acerca da vivência pastoral do seminarista.

Ao longo da Etapa da Configuração e do estudo da Teologia, o formando é chamado a intensificar iniciativas claras que revelem o desejo e o compromisso de deixar-se configurar pastoralmente a Jesus Cristo, Pastor e Servo. Desse modo, configurar-se a Jesus Cristo implica uma conversão pessoal e pastoral para o anúncio do Evangelho e do Reino, significando que o formando deverá aderir sempre mais o caminho formativo como processo de configuração com o ser, o falar, o viver de Jesus Cristo Bom Pastor; viver com liberdade interior e a criatividade necessária para inserir-se no apostolado como serviço, capaz de enxergar a ação de Deus no coração e no rosto dos homens e mulheres de nosso tempo.

No processo formativo a partir da dimensão pastoral-missionária, é importante ter em mente, duas qualidades essenciais na formação, a acolhida e a misericórdia. O formador esteja atento na formação e atuação de seu formando quanto a abertura ao outro, é nesse encontro com o outro que se manifesta a qualidade da acolhida, acolher o outro significa que ele é importante no processo evangelizador, o outro é um “si mesmo” que requer acolhida fraternal. O formador, também, possui a responsabilidade ética de criar condições para que o formando manifeste um coração misericordioso, a misericórdia é o rosto compassivo do Bom Pastor.

Segundo, Clodovis Boff, a opção e compromisso pelo Reino de Deus deve-se dar em três níveis/modelos interligados. O primeiro consiste em falar na luta *pelo* povo a partir da teoria, porém isso necessita de contato físico com as pessoas, e aí emerge a necessidade da comunidade. O segundo, e mais usual, consiste no nível da caminhada ou das práticas, que significa inserir-se, na luta *com* o povo, “[...] o teólogo tem uma participação mais regular com a vida e luta do povo. Divide seu tempo entre trabalho teórico e o trabalho prático, quer de tipo pastoral, quer pedagógico, quer político, alternando, o quanto possível, estudo e empenho público” (Boff, 2015, p. 174). E, por último, no seu testemunho de vida, o teólogo luta *como* o povo, o que implica uma inserção a nível das condições de vida, nas periferias existenciais, geográficas, sociais, em bairros populares, em favelas, vilas do interior, etc.

Acompanhar e marcar presença em todos os momentos da preparação teológica de seus formandos é essencial para uma formação adequada. Neste tempo, o formador ajuda a assegurar que o curso de Teologia ilumine e construa bases na vida e na pastoral do candidato, e que haja essa relação entre teologia e

pastoral. Deste modo, se relaciona a intelectualidade, a espiritualidade e a pastoral, pois a teologia pastoral possui profunda e sólida espiritualidade.

Por isso, é importante que o formador conduza o formando ao entendimento de que o curso de teologia é um local sagrado para uma boa preparação teológica e pastoral, pois um bom curso de Teologia auxilia a modelar um bom Sacerdote. Ao mesmo modo que a teologia ilumina a pastoral, a pastoral traz elementos para a teologia, a fim de apresentar novas compreensões e novas dinâmicas.

Enfim, o formador não possui só a função de marcar presença, mas é alguém ativo que convida o formando a ser sujeito do processo formativo, principalmente na dimensão pastoral-missionária, pondo em prática o aprendizado no curso de Teologia. Isso não se faz sem uma espiritualidade pastoral-missionária própria que ocorre no testemunho pastoral formativo.

4 Formar na espiritualidade pastoral-missionária

No magistério do Papa Francisco, a espiritualidade é um aspecto marcante, pois apresenta uma perspectiva antropológica em que mais do que ter, é preciso ser. Com isso, a missão pastoral dos presbíteros jamais pode ser uma funcionalidade, em que se detém algo, ou ainda, como um funcionário que possui um cargo a desempenhar. Entretanto, o Presbítero, chamado a exercer seu *múnus* pastoral, é convidado a ser uma missão no mundo, um sinal de esperança, ou ainda como o Jubileu da Esperança apresenta: um “Peregrino de Esperança”.

Nesta perspectiva, ao falar de espiritualidade, ou ainda de Teologia da Espiritualidade, emergem duas palavras que brotam como linhas-mestras no

pontificado de Francisco, a saber, Relação e Caminho. Estas duas palavras não podem ser esquecidas na formação dos novos presbíteros, por isso se apresentam como fundamentos de uma Espiritualidade Pastoral-Missionária, a fim de que os formadores acompanhem de forma próxima os formandos.

Cabe ressaltar que o formador é o principal testemunho na vida do formando, sendo Presbítero que convive diariamente com o formando, deve trazer em seu ser a sua própria missão de ser Presbítero-formador. Assim, ao desvelar as imagens de Presbítero das *Diretrizes* de 2019, o formador apresenta-se como um *presbítero-pastor*, à imagem daquele a quem cabe estar a serviço do povo e da comunidade, a exemplo de Jesus Bom Pastor (Jo 10,1-4); bem como um *presbítero-missionário*, enviado por Cristo como uma missão.

Ainda, segundo Papa Francisco (2017), o Presbítero deve ser uma missão e não simplesmente ter uma missão, tal é a missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar (Cf. Eg, n. 273). Deste modo, a missionariedade é constitutivo do Sacerdócio: “Ser missionário requer coragem, audácia, fantasia e vontade de olhar não apenas para si mesmo, nem para o cumprimento das funções rotineiras, mas ir além, em uma Igreja constantemente em saída, rumo às periferias existenciais [...]” (Dfpib, 110, nº. 41e).

A relação é essencial na vida espiritual pastoral-missionária do formando e formador, esta se destaca pela proximidade. Nenhum ser humano se constrói sozinho, precisa de mediações e relações, e, conseqüentemente, de abertura ao outro. Na visão de Afonso Garcia Rúbio: “É o sujeito ou pessoa humana quem, no concreto, se realiza nas relações, consigo mesmo, com o mundo da natureza, com os outros seres pessoais e, na dimensão mais profunda, com Deus” (2006, p. 312).

Ser próximo implica relacionar-se, abrir-se, e assim, estando junto de Deus e das pessoas, o Presbítero se torna um intercessor. Papa Francisco (2022), ao falar de uma teologia fundamental do Sacerdócio, entende que existem colunas constitutivas da vida sacerdotal, as quais são vistas como proximidades, desejando que o Sacerdócio esteja próximo e em comunhão. Define as quatro proximidades como: a proximidade com Deus, que permite tocar no sofrimento existente no coração através da oração; a proximidade com o bispo, que como pai deve se fazer próximo; a proximidade entre os presbíteros/seminaristas (ainda no período de seminário), a fim de viver uma fraternidade presbiteral; e a proximidade com o povo de Deus, a fim de ser como pastores que entendam de compaixão, de oportunidade, capaz de parar junto de quem está ferido e estender-lhe a mão, ao mesmo modo anunciar nas chagas do mundo a força da ressurreição. Por certo, ser um humano da proximidade implica viver a vida comunitária como elo integrador.

A formação de novos presbíteros jamais pode esquecer de como se vive espiritualmente as relações formando-formador, e mais ainda da relação espiritual do formando com as pessoas de seu local de pastoral, o que revela uma dimensão vivencial antropológica, na qual a inserção se faz em meio as relações. O formador, desta ótica, aparece como alguém que observa, escuta, guia, auxilia o formando no seu trabalho pastoral, sempre acompanhando na proximidade. O formador é sinal de presença eficaz em todas as dimensões e realidades.

Cabe ao formador participar da escolha das comunidades em que o formando será destinado a realizar o estágio pastoral, bem como apresentar a proposta formativa aos formandos, que se torna um caminho para a vivência espiritual formativa. A cada ano formativo que se inicia, a primeira atividade dada

aos formandos é a apresentação da proposta formativa, a qual não pode ser uma “camisa de força”, mas um caminho para a formação, isso assegura ao processo formativo uma proposta. É preciso balizas definidas ao processo formativo, a fim de formar na proximidade uma espiritualidade pastoral-missionária.

É neste caminho que ocorre a dinâmica formativa e seus processos, quando o formando é chamado a ser sujeito ativo do seu processo formativo. Assim, processo e caminho estão intrinsecamente interligados na dinâmica formativa, uma vez que o processo formativo se faz no caminho da formação. Por isso, ao adentrar na estrutura formativa se vive um dinamismo processual. Deste modo, o ideal humano, cristão e presbiteral, o próprio Jesus Cristo, não é algo alcançado plenamente no agora ou enquanto perdure a história. Todavia, constitui um horizonte que impulsiona o formando ao seguimento. Assim, entre o ideal e o real, “[...] existe um longo e belo *caminho* a ser percorrido progressivamente. Esse caminho representa o *processo formativo integrador*, o devir entre o ideal e o real. Ele não consiste numa *etapa* da vida do formando, mas na própria vida dividida em etapas” (Viana, 2013, p. 39-40).

Esta compreensão aponta diretamente para a espiritualidade como um caminhar inacabado. Porém, na busca de formar sujeitos ativos com liberdade, responsabilidade e criatividade, é necessário deixar-se conduzir pelo Espírito, que exige ouvir e discernir seus sinais em cada momento. Neste caminho espiritual, o formando, com ajuda do formador, se constitui um sujeito ativo, em comunhão madura com outros sujeitos, não é alguém alienado, receptor passivo de doutrinas ou normas, mas sujeito do caminho no seguimento de Jesus.

Desta maneira, a formação não ocorre em uma única etapa, mas na própria vida dividida em etapas, nisso consiste o caminho e processo: a formação

é sempre permanente. Formar na espiritualidade pastoral-missionária consiste em definir caminhos de acompanhamento na proximidade.

Ambos, formando e formador, necessitam vivenciar uma formação permanente, o formador deve ser capaz de autoformação, a fim de orientar o formando nesse caminho. É importante que não se torne formador aquele que não tenha essa capacidade de se autoformar, bem como, apresente uma espiritualidade própria, o gosto pelo estudo, pela formação humana, pela disciplina e dedicação integral a causa de formar.

É altamente recomendável que as dioceses e congregações religiosas se preocupem em formar os seus formadores. Um bom formador será capaz de conduzir o processo formativo de forma leve e responsável. Um mau formador pode, até mesmo, ofuscar o chamado divino ao formando. A formação inicial ao Sacerdócio, necessita de formadores bem formados, que tenham oportunidade de se atualizarem e estarem em permanente estado de formação, seja através de cursos livres ou acadêmicos, pois “ninguém é tão sábio que não possa aprender”.

Isso tudo, no entanto, não se faz sem que haja uma espiritualidade sinodal do formador, uma vez que caminha junto com os formandos e orienta a caminhar unido com o povo, na proximidade. É neste íterim que está a arte do acompanhamento na proximidade, fundamentada numa espiritualidade pastoral-missionária sinodal.

O *Documento Final do Sínodo sobre a Sinodalidade* (2021-2024) afirma a necessidade de uma profundidade espiritual pessoal e comunitária, pois se esta falta, tudo se reduz a um expediente organizativo. Desta maneira, se falha a espiritualidade em um processo formativo, ou na condução dele, este se torna puramente funcional, sem conduzir a vivência e à reflexão. Sendo assim,

Somos chamados não apenas a traduzir os frutos de uma experiência espiritual pessoal em processos comunitários, mas a experimentar como a prática do mandamento novo do amor recíproco seja um lugar e uma forma de encontro com Deus. Neste sentido, a perspectiva sinodal, enquanto se apoia no rico patrimônio espiritual da Tradição, contribui para renovar as suas formas: uma oração aberta à participação, um discernimento vivido juntos, uma energia missionária que nasce da partilha e se irradia como serviço (Dfss, nº. 44).

A formação, deste modo, conduz ao encontro com Deus, e forma na oração aberta à participação, no discernimento, para que, em vista da missão pastoral, finalidade da formação presbiteral se irradie como serviço e proximidade ao outro. Por isso, o formador, para formar na espiritualidade pastoral-missionária, no acompanhamento próximo, auxiliando o formando a encontrar caminhos pastorais, precisa ser um *presbítero-homem de oração*, alguém experimentado também na espiritualidade, na proximidade com Deus e, sobretudo, intercedendo pelo rebanho a ele confiado: “Pela disponibilidade a encontros fervorosos com o Senhor, ele se torna íntimo das coisas divinas, místico e mistagogo, capaz de auxiliar os fiéis e todos os que o procuram, a encontrarem-se com o mistério de Deus” (Dfpib, 110, nº. 41l).

Com isso, é criada a possibilidade de encontrar caminhos de discernimento que brotam do coração de Deus, discernindo a fim de inspirar as melhores decisões, auxiliando o formando. Pois, “[...] uma espiritualidade sinodal nasce da ação do Espírito Santo e requer a escuta da Palavra de Deus, a contemplação, o silêncio e a conversão do coração” (Dfss, nº. 43). Enfim, formar na Espiritualidade pastoral-missionária é a arte de ser próximo, reconhecendo a necessidade de formação permanente, a cada instante e a cada momento, o que acontece na dinâmica processual tanto na formação inicial, quanto na formação permanente.

Considerações finais

Em primeiro momento, o texto ensejou trazer aspectos da mudança de época que se vive e que estamos imersos. Este é um grande desafio, pois se insere uma nova compreensão antropológica, a qual, incide diretamente na vida do formando e do formador. Este desafio se desvela na missão de formar os novos presbíteros, no acompanhamento pela proximidade. Aqui estão imersos vários desafios e desvios que podem ocorrer na formação, como alguns abusos, principalmente de autoridade, paternalismos, má compreensão do papel do formador, que pode ocorrer pelo formando, ou até mesmo pelo formador, entre outros.

Por outro lado, a Teologia e a dimensão Pastoral-Missionária, exigem um acompanhamento na proximidade. Essa relação dará grandes bases para toda a formação presbiteral, uma vez que ao relacionar teoria e prática a evangelização não ficará solta, apoiada somente na teoria, na academia, teorizando ideias, ao mesmo modo não se prenderá à prática pastoral, a qual poderia haver desvios de evangelização para outros fins. Teoria e prática precisam estar aliadas. Aí emerge o papel do formador como alguém que poderá auxiliar, através do acompanhamento pela proximidade, a viver uma espiritualidade que sustente e faça uma ligação entre a vida acadêmica e a dimensão pastoral.

A espiritualidade pastoral-missionária, que no magistério do Papa Francisco se apresentou em várias linhas mestras, como por exemplo, na relação e no caminho, permite perceber que a pastoral não é algo acabado, porém possui sempre novidades, as quais se descobrem no caminho e ocorrem pelas relações, e principalmente pela relação de proximidade com Deus, que toca o sofrimento

humano através da oração, da proximidade com o bispo, da proximidade entre os presbíteros e seminaristas, buscando viver a fraternidade na comunidade, e da proximidade com o povo de Deus, entendendo a vida do povo com compaixão, anunciando a força da ressurreição diante dos sofrimentos do mundo.

Na *Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário* do ano de 2025, sob o título de *Spes non confundit*, Papa Francisco sugere que: “Além de beber a esperança na graça de Deus, somos também chamados a descobri-la nos sinais dos tempos, que o Senhor oferece” (Bula, nº. 7). Sendo que a “Esperança jamais decepciona” (Rm 5,5), desejamos ter apresentado, a partir deste texto, sinais que podem ser vistos como esperança para a formação presbiteral, principalmente aos formadores e no seu acompanhamento formativo através da arte e da proximidade.

Um primeiro sinal, é que o formador é um *mediador*, precisa ser instrumento de Deus e da Igreja, para auxiliar o formando a crescer, identificando as lacunas, sempre aberto à escuta, caminhando junto, sendo próximo, pois um formador distante jamais poderá entender o que está acontecendo na formação e na vida do formando.

Outro sinal de esperança: o formador precisa ser um *verdadeiro Presbítero*, que na origem do termo grego, e do ponto de vista bíblico, é alguém ancião, mais velho, experiente, as vezes não no sentido de idade, mas de maturidade. Deve ser alguém experimentado na vida, e por muitas vezes, um “curador ferido”. Contudo, isso não se faz sem uma formação permanente que auxilie o formador a realizar a sua autoformação.

Para tanto, é preciso um sinal de esperança fundamental, a *vivência de uma espiritualidade*. Viver a espiritualidade não consiste somente em rezar, todavia

incide em viver aquilo que reza, transformar em atitudes. Assim, para formar na espiritualidade pastoral-missionária, algo essencial à formação presbiteral, o formador precisa viver a sua espiritualidade também na proximidade com os formandos.

Portanto, formar na espiritualidade pastoral-missionária, reconhecendo a necessidade de formação permanente, a cada instante, no caminho da vida, e na relação com os formandos, esta é a arte, porém desafio, que pode fazer o formador sair de certas seguranças e avançar rumo à conversão pastoral. Entretanto, é preciso um esforço na formação dos formadores, não podemos descuidar disso. Por isso, é sempre pertinente a pergunta: Quem forma o formador?

Referências

AMADO, J. P. Uma Igreja em mudança de época. Pontos relevantes para a compreensão da Igreja na segunda década do século XXI. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 70, n. 279, p. 564-579, 25 fev. 2010.

ANTONIAZZI, Alberto. ORGANIZAÇÃO DOS SEMINÁRIOS E INSTITUTOS DO BRASIL – OSIB. **A Formação presbiteral: Memória e perspectivas**. Cascavel, PR: Gráfica e Editora Palube, 2004.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Bíblia Sagrada**. Nova edição, revista. Tradução: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus. São Paulo: Paulus, 1985.

BOFF, Clodovis M. **Teoria do Método Teológico**. 6ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Compêndio Do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis 5ª Edição. – RJ: Vozes, 1969.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***. In: Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Optatam Totius***. In: Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 1 ed. São Paulo: Paulus; Paulinas; Brasília: Edições CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**. Tradução oficial da CNBB. 2ª ed. Brasília, DF: Edições CNBB, 2015.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Vida e ministério do presbítero – pastoral vocacional. Documento n. 20**. 3ªed. São Paulo: Paulinas, 1982.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2011**. São Paulo: Paulinas, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023**. Brasília: Edições CNBB, 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Doc. 93**. Brasília: Edições CNBB, 2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Doc. 110**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O dom da vocação presbiteral – Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis**. 1ª Edição em Português. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **Partir de Cristo, Um renovado compromisso da vida consagrada no terceiro milênio**. 5ª Ed. – São Paulo: Paulinas, 2003.

CORDEIRO, Elcio Alcione. **Formação seminarística na perspectiva do intelectual orgânico dos pobres no século XXI: Possibilidades e limites.**

2020. (Dissertação). Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/4827>. Acesso em: 12/03/2022.

FRANCISCO, Papa. **Discurso Do Papa Francisco Aos Membros Da Comunidade Católica Shalom.** 04 de setembro de 2017. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/september/documents/papafrancesco_20170904_comunita-cattolica-shalom.html. Acesso em: 09/12/2024.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco a comunidade do pontifício seminário regional das marcas Pio XI.** Disponível em: <https://www.vatican.va/>.

Acesso em: 12/03/2021.

FRANCISCO, Papa. **Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário do ano 2025. Spes non confundit.** 2025. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html. Acesso em: 10/01/2025.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco a Comunidade do Pontifício Seminário Regional das Marcas Pio XI.** Sala Clementina. 2021. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/june/documents/papa-francesco_20210610_seminario-ancona.html. Acesso em: 10/11/2024.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco aos Participantes no Congresso Italiano da Pastoral das Vocações: Quinta-feira, 5 de janeiro de 2017.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/january/documents/papa-francesco_20170105_convegno-pastorale-vocazionale.html. Acesso em: 17/10/2024.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: A alegria do Evangelho.** São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem de Sua Santidade Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões de 2022: “Sereis minhas testemunhas” (At 1,8).** 2022.

Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/20220106-giornata-missionaria.html>. Acesso em: 10/10/2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem para o Dia Mundial das Missões.** 2022.

Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vatican/events/pt/2022/1/6/messaggio-giornata-missionaria.html>. Acesso em 15/10/2024.

GARCIA RUBIO, A. **Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristã.** 4 ed. São Paulo: Paulus, 2006.

JOÃO PAULO II, Papa. **Código de Direito Canônico.** 11ª edição. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação Apostólica Pós Sinodal Vita Consecrata.** Paulinas, 2ª Ed. 1998.

ORGANIZAÇÃO DOS SEMINÁRIOS E INSTITUTOS DO BRASIL – OSIB. **A Formação presbiteral: Memória e perspectivas.** Cascavel, PR: Gráfica e Editora Palube, 2004.

VIANA, Wellistony C. **Um longo e belo caminho...: Um itinerário formativo para seminaristas.** Brasília: Edições CNBB, 2013.

VITÓRIO, Jaldemir. **A pedagogia na formação. Reflexão para formadores na vida religiosa.** Ed. Paulinas, 2008.

XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. **Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão.** Documento final. Tradução: CNBB. 2024. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/test-for-pdf/Traducao-em-portugues-do-documento-do-Sinodo.pdf>. Acesso em: 10/12/2024.